

Valores-notícia na imprensa do interior do Rio Grande do Sul no início do século XX: estudo preliminar da *Gazeta de Alegrete*¹

Cândida SCHAEDLER²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo: Embora os valores-notícia não estivessem categorizados no início do século XX, sua influência já era evidente na imprensa do interior do Rio Grande do Sul. Com o intuito de pesquisar a história das práticas jornalísticas interioranas, este artigo estuda quais valores-notícia predominavam e de que forma apareciam na *Gazeta de Alegrete*, de Alegrete, na Região da Campanha. Para tanto, conduzimos uma análise de conteúdo em exemplares dos anos de 1905 e de 1908, para mostrar uma aplicação preliminar do que será, posteriormente, uma dissertação de mestrado. Os resultados apontam para a predominância dos valores-notícia de proximidade e de notoriedade.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Jornalismo local; Valores-notícia.

O estudo dos valores-notícia, referentes à imprensa do interior do Rio Grande do Sul, contribui para escrever a história das práticas jornalísticas, em cidades afastadas das capitais do estado. O jornalismo interiorano é considerado desimportante pelos próprios estudantes de Jornalismo, nas universidades porto-alegrenses (DORNELLES, 2004), e, até o presente momento, foi pouco estudado, sobretudo no que concerne às práticas profissionais que moldaram os impressos de abrangência local. Com o intuito de preencher esta lacuna e de contribuir para a escrita das práticas jornalísticas interioranas, de um ponto de vista histórico, apresentamos, nesta pesquisa, uma aplicação preliminar dos valores-notícia na *Gazeta de Alegrete*, localizada em Alegrete, região da Campanha do RS, jornal mais antigo ainda em circulação, no Rio Grande do Sul.

Este artigo é parte da proposta de uma dissertação de mestrado, cujo objeto não será somente a *Gazeta de Alegrete*, mas também incluirá outro jornal do interior do Rio Grande do Sul. Porém, para fins de apresentação, focar-nos-emos apenas em um veículo e restringiremos o período estudado, no momento, para os anos de 1905 e 1908, para mostrar a aplicabilidade do estudo.

A metodologia do nosso artigo é a análise de conteúdo, segundo Bardin (2009), com a técnica de descrição analítica e categorização dos valores-notícia encontrados, bem como

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do 11º Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista integral da Capes. E-mail: candidaschaedler@gmail.com.

de seus assuntos. Partimos do seguinte problema: quais valores-notícia eram priorizados na imprensa interiorana do Rio Grande do Sul, no início do século XX? Em um segundo momento, verificamos quais assuntos apareciam, dentro dos valores-notícia identificados. Por meio da pesquisa, buscamos iluminar as práticas jornalísticas do interior do Rio Grande do Sul, no início do século XX.

Nosso aporte teórico é composto de autores como Beltrão (1969, 1992), Bond (1962), Sousa (2002), Silva (2005), Wolf (2003) e Traquina (2005), no estabelecimento do que é notícia e, posteriormente, dos critérios de noticiabilidade e dos valores-notícia, que integram a Teoria da Notícia e do *Newsmaking*. Para contextualizar a imprensa brasileira e falar das dificuldades de bibliografia sobre o jornalismo interiorano, utilizamos autores como Barbosa (2007) e Sodré (2011). Por fim, para abordarmos a *Gazeta de Alegrete*, utilizamos Dornelles (2016).

História da imprensa no Brasil e dificuldades de bibliografia sobre jornais interioranos

A história da imprensa interiorana, sobretudo no que concerne ao início do século XX, ainda possui diversas lacunas, sobretudo em relação às práticas jornalísticas. Pensando nisso, realizamos o presente trabalho, que se compõe, parcialmente, de uma proposta de dissertação de mestrado.

No contexto brasileiro, especificamente o carioca (BARBOSA, 2007), a primeira década do século XX foi marcada pela implementação de novas tecnologias, cuja influência mudou o cenário urbano e os periódicos que circulavam na cidade. Com a introdução da linotipo, do cinematógrafo, do fonógrafo e do gramofone, por exemplo, o jornalismo praticado na época é renovado, com a inserção da ideia de rapidez. Os jornais que desejavam se aproximar do público necessitavam, pois, acompanhar essas mudanças. Surge um novo mundo simbólico naquela década, tornando os acontecimentos globais mais próximos e visíveis (BARBOSA, 2007).

Na mesma década, também aumenta a importância da figura do repórter, que vai a campo colher as informações estampadas na próxima edição do jornal. Consequentemente, cresce o espaço designado às notícias locais, tanto de crimes – construídas de modo sensacionalista – até de informações que afetem a vida da população. Barbosa (2007) ainda afirma que, por conta da figura do repórter, são lançadas as bases para a construção do ideal

de objetividade³ – como uma espécie de criação de *distinção da classe jornalística* ou *lugar autorizado de fala*, nos termos bourdieusianos empregados pela autora.

Um ideal de modernidade foi, portanto, introduzido entre 1900 e 1910. Não chega a ser tão profundo e revolucionário como as transformações jornalísticas da década de 1950, mas há alterações técnicas e sociais significativas.

Constrói-se, pois, paulatinamente, a imagem do jornalismo como conformador da realidade e da atualidade. As tecnologias são fundamentais para a construção do jornalismo como lugar da informação neutra e atual. Se o telégrafo torna os acontecimentos visíveis, há que informar os fatos que ocorrem próximos ao público. A opinião é, assim, gradativamente separada de uma ideia de informação isenta e, neste processo, os novos artefatos tecnológicos desempenham papel fundamental (BARBOSA, 2007, p. 24).

Para Juarez Bahia (1990), toda a imprensa, sobretudo no último quartel do século XIX, exceto aquelas comprometidas com o escravagismo, tem posições republicanas e abolicionistas. O Rio Grande do Sul é apontado com um dos estados em que a propaganda abolicionista mais influi. Depois da abolição, os jornais concentram sua atuação na questão do Partido Republicano (BAHIA, 1990). Conforme o autor, a imprensa que surgiu a partir de 1870 é outra, não só por conta da distinção entre a imprensa da independência e a da Abolição e da República, mas em função de mudanças na nação. “É outro o grau de consciência nacional, são outras as ideias que refletem” (BAHIA, 1990, p. 111).

Lavina Ribeiro (2004), por sua vez, concorda com a visão de Barbosa (2007) de que a imprensa começava a tomar contornos comerciais no início do século XX. A inspiração era fortemente política, mas mudanças comerciais foram introduzidas. Durante a Primeira República, esta institucionalização ficou clara, embora a estreita vinculação com o Estado impedisse a criação de uma esfera pública⁴ no país.

Para Sodré (2011), a imprensa da República exaltava a política em suas páginas e, a partir de 1895, já começam a haver transformações tecnológicas que fariam os jornais se definirem como estrutura empresarial. A introdução dos serviços telegráficos também

³ Para uma discussão mais profunda do conceito de objetividade como um ritual estratégico na produção noticiosa, consultar: TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAUQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

⁴ No artigo, utiliza-se o conceito de “esfera pública” de acordo com a definição de Habermas (1984), como um espaço de deliberação, no qual as pessoas se reúnem para discutir assuntos, de interesse público, que afetam a coletividade.

permite que as empresas inovem na cobertura e no conteúdo, embora a distribuição dos exemplares fosse feita em carroças. A passagem do século XIX ao XX marca a transição da pequena à grande imprensa, alterando também sua produção e circulação, bem como a relação entre os jornais com os anunciantes, com a política e com os leitores. “O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá como tal, até os nossos dias” (SODRÉ, 2011, p. 407).

É importante fazermos uma ressalva ao uso dos autores acima. Eles estudam o contexto relativo à grande imprensa nas capitais do país e o objeto de análise do nosso artigo é um jornal interiorano gaúcho, o que confere contornos únicos à forma como ele se inseria no espaço político e público da época – contornos estes que buscamos esclarecer melhor com nossa pesquisa.

No contexto gaúcho, Rüdiger (2003)⁵ aponta que, no início do século XX, ainda havia a fase do jornalismo político-partidário e que o maquinário era incipiente. A imprensa – não o jornalismo – surgiu na Província do Rio Grande do Sul junto ao movimento da Revolução Farroupilha. Havia, entre a década de 1830, um público letrado que precisava ser abastecido de informações credíveis sobre os partidos políticos. Assim, desde o início, a prática da imprensa esteve, também em terras sul-rio-grandenses, ligada à defesa de interesses políticos.

No período inicial, até o terceiro quartel do século XIX, Rüdiger (2003) considera que ainda não havia jornalismo, porque a força que motivou a criação da imprensa era apenas tática, sem valores consistentes por trás. Ademais, quem geria as tipografias não eram jornalistas, mas empresários, com uma visão mecanicista da imprensa (RÜDIGER, 2003)⁶.

No terceiro quartel do século XIX, surgiu o jornalismo político-partidário, quando a classe política notou a força dos jornais como órgãos de divulgação de ideias. Os políticos foram, lentamente, tomando o lugar dos tipógrafos na condução dos jornais. Rüdiger (2003) define os veículos político-partidários como essencialmente opinativos, com o objetivo exclusivo de veicular a doutrina e opinião dos partidos. Os jornalistas seriam responsáveis por, então, dirigir a opinião pública. Entre 1910 e 1940, contudo, ele mostra que havia o surgimento de uma política mais noticiosa pelos veículos, sobretudo em Porto Alegre. Houve,

⁵ A periodização feita por Rüdiger (2003) é contestada por alguns pesquisadores. A respeito, consultar: HOHLFELDT, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. **E-compós**, v. 7, n. 3, p. 1-12, 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/118/117>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

⁶ Podemos nos perguntar se, atualmente, também não continua assim. Os donos dos jornais se constituem, em grande parte, em empresários e administradores, que não tem conhecimento prático e acadêmico em jornalismo e notícia.

pouco a pouco, a diminuição da dependência da imprensa em relação ao campo político, o que é exemplificado pela trajetória do *Correio do Povo*.

No caso da *Gazeta de Alegrete*, há um forte teor político-partidário envolvido, mas não é apenas isso que se veicula no jornal, como demonstraremos mais adiante. A definição de Rüdiger (2003) não se aplica totalmente ao objeto de estudo, porque as questões sociais, por vezes, suplantavam o teor partidário republicano, já no início do século XX. As pesquisas de Alves (2001a, 2001b) mostram que o jornalismo interiorano, especificamente o praticado na cidade de Rio Grande (RS), também já se mostrava preocupado com a parte comercial e com os anunciantes, uma vez que grandes somas da receita da empresa era oriundo da publicidade. Além do mais, o próprio discurso partidário dos veículos era, dependendo da ocasião, mutável e uma opção estratégica.

Jornalismo e notícia

Entender o jornalismo e defini-lo, com exatidão, é uma tarefa árdua, mal resolvida pela própria bibliografia da área. Não raro, os autores entram em conflito em suas definições e não impõem limites claros às fronteiras entre jornalismo e outras práticas. O que os pesquisadores das Teorias do Jornalismo frisam é que o principal produto jornalístico é a notícia. Segundo Sousa (2002), quem se ocupa do estudo da teoria do jornalismo deve, obrigatoriamente, se preocupar com a pesquisa da notícia, uma vez que compreendê-la é chave para o entendimento das práticas jornalísticas, considerando-se que diversas características, intrínsecas à profissão, estão inseridas ali. O percurso que nos propusemos a fazer aqui é este: entender o jornalismo e, conseqüentemente, a notícia dos jornais interioranos no início do século XX.

Segundo Bond (1962), a notícia é o relato de um acontecimento. Ao enumerar diversas características e conceitos cunhados por outros autores, Bond reconhece que todas as definições trazem a ideia do *interesse*. Assim, resume a notícia como “uma reportagem oportuna sobre coisa de *interesse* para a humanidade e a melhor notícia é a que *interessa* ao maior número de leitores” (BOND, 1962, p. 92). Embora Bond (1962) foque no contexto estadunidense, o jornalismo brasileiro foi bastante influenciado pelo norte-americano⁷.

⁷ Para ler mais a respeito, consultar a obra: SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

Portanto, acreditamos que os valores-notícia – que posteriormente enumeremos – e as características sejam aplicáveis ao caso brasileiro.

Conforme Otto Groth (2011), pesquisador alemão considerado o fundador do Jornalismo como ciência, jornalismo se diferencia da História, justamente por lidar com a pressão do tempo e com as limitações da produção diária de informação. As quatro principais características do jornalismo, elencadas por ele, são a periodicidade – o que diferencia os jornais de demais publicações, como cartilhas, boletins etc. –, atualidade – característica menos contestada, porque designa uma relação temporal –, universalidade – moldada de maneira diferente de acordo com as nações e com o espaço-tempo analisado, designa aquilo que interessa ao público ou o que o jornalista acredita que deva interessar e ser noticiado – e publicidade – referente à acessibilidade e à distribuição do jornal (GROTH, 2011).

Beltrão (1992) afirma que nenhuma atividade humana responde tão intensamente a uma necessidade do espírito social quanto o jornalismo, uma vez que é da natureza humana ter o desejo de se informar, de saber o que ocorre no bairro, na cidade, no país e no mundo. Para o autor, o jornalismo tem função imprescindível na formação da opinião pública e impele à ação, a realizações e a melhorias na sociedade. Define o jornalismo como “a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (BELTRÃO, 1992, p. 67).

Beltrão (1969), em obra dedicada exclusivamente à imprensa informativa, pondera que definir o conceito de notícia com precisão é difícil, devido à sua complexidade. Porém, resume-o como “a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou têm importância para o público a que se dirigem” (BELTRÃO, 1969, p. 82).

Quando comparamos os conceitos de Beltrão (1969) e de Bond (1962), percebemos, mais nitidamente, a convergência das ideias de *interesse*. O que Beltrão já deixa explícito é a atividade do jornalista na definição de quais acontecimentos serão narrados, ou seja, alçados ao patamar de notícia. Para compreender melhor como a seleção é feita, buscaremos aporte teórico na *Teoria da Notícia* e, mais especificamente, na *Teoria do Newsmaking*. Dentro destas, focar-nos-emos nos valores-notícia, que integram os critérios de noticiabilidade.

Valores-notícia: os óculos que os jornalistas utilizam

Durante o processo de produção da notícia, há diversos fatores que incidem na rotina do profissional, que podem ser nomeados de critérios de noticiabilidade. Os critérios de noticiabilidade incluem a relação do jornalista com as fontes, com a cultura organizacional, com o espaço ou o tempo limitado etc. O jornalismo, nessa visão, é considerado como uma construção operada pelo jornalista, na qual também incidem os *valores-notícia*, como um processo que integra os critérios de noticiabilidade e cuja seleção e tratamento estão disseminados durante todo o processo de produção (SILVA, 2005). Os critérios de noticiabilidade e, conseqüentemente, os valores-notícia, integram o que se denomina *Teoria da Notícia* e também a *Teoria do Newsmaking*. Como o objetivo deste trabalho é identificar os valores-notícia, focar-nos-emos neste ponto.

Para Traquina (2005), os valores-notícia são os óculos que os jornalistas utilizam e pelo qual decidem quais acontecimentos – dentro de uma série de informações que chegam às redações, todos os dias – devem ser alçados ao patamar de notícia. Traquina (2005) define o conceito de noticiabilidade da seguinte forma:

[...] conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em notícia e, por isso, possuindo “valor-notícia” (TRAQUINA, 2005, p. 63).

Ao longo dos séculos, os valores-notícia têm se alterado pouco (TRAQUINA, 2005). Apesar de os argumentos dominantes no campo jornalístico defenderem que a prática é uma espécie de “espelho da realidade”, retransmitindo exatamente o que acontece no mundo, os valores-notícia mostram que as notícias são uma construção empreendida pelos repórteres e editores, que são, inconscientemente, influenciados pela linha editorial da empresa jornalística. Adotamos aqui, portanto, a perspectiva de que o jornalismo não se configura como um espelho da realidade, mas como uma construção social – construção esta que depende de diversas rotinas internalizadas pelos profissionais, entre as quais se encontram os valores-notícia, estudados no presente artigo.

Os primeiros estudos sobre os valores-notícia foram realizados por Galtung e Ruge, em 1965, que enumeraram doze valores-notícia⁸. John Hartley⁹ (1982, citado por Traquina, 2008) pontua que os valores-notícia se constituem em um código ideológico, pois não são neutros: são formas de ver o mundo.

Segundo Traquina (2008), os valores-notícia se dividem em três tipos: 1) valores-notícia de seleção substantivos (que se referem, portanto, ao profissional que opera a escolha dos acontecimentos que serão alçados ao patamar de notícia); 2) valores-notícia de seleção contextuais (relativos ao processo de produção da notícia); 3) valores-notícia de construção (elementos dentro do acontecimento que são acrescentados na elaboração da notícia). A lista elaborada pelo acadêmico português considera critérios já elaborados anteriormente por outros pesquisadores, dividindo-os nas três categorias acima apresentadas. Na presente pesquisa, serão considerados apenas o primeiro grupo de valores-notícia – os de seleção substantivos –, por ser mais fácil de verificá-los, no contexto histórico.

Traquina (2008) inspirou-se, em parte, em um trabalho elaborado por Mauro Wolf (2003), que já estabeleceu uma divisão entre os valores-notícia, afirmando que eles estão difundidos durante todo o processo de produção, não apenas na seleção. Para Wolf (2003), os critérios de seleção da notícia são relativos aos caracteres substantivos da notícia (o conteúdo), a disponibilidade do material e critérios em relação ao produto, o público (meio) e a concorrência.

Os valores-notícia de seleção substantivos, definidos por Traquina (2008), são os seguintes:

Tabela 1 – Valores notícia de seleção substantivos

Morte	Razão que explica a negatividade do jornalismo. “Onde há morte, há jornalistas” (TRAQUINA, 2005, p. 65).
Notoriedade	Importância do ator principal do acontecimento. Depende da posição social.
Proximidade	Opera em termos geográficos, mas também em termos culturais.
Relevância	Capacidade do acontecimento impactar as pessoas, o país, a nação.

⁸ Por questão de espaço, não citaremos todos, mas apenas enumeraremos os criados, posteriormente, por Traquina (2008).

⁹ HARTLEY, John. *Understanding News*. London: Methuen, 1982.

Novidade	Fator básico do jornalismo: noticia-se o que é novo ou um fato que continua a gerar novos acontecimentos.
Tempo	Valor-notícia em três formas: 1. Atualidade – pode servir de gancho se houver algo similar que já está acontecendo. 2. Efemérides (refere-se a aniversários de acontecimentos ou à instituição de datas comemorativas). 3. De uma forma mais estendida ao longo do tempo, uma vez que determinado acontecimento tiver muito impacto, qualquer coisa relacionada a determinado país ou situação será noticiada.
Notabilidade	Qualidade de ser visível e tangível. Aspectos manifestos da notícia. Jornalismo tem dificuldade de noticiar problemáticas e refletir sobre aspectos mais abstratos. Registros de notabilidade: quantidade de pessoas envolvidas no acontecimento; inversão (“o homem que morde o cão”); o insólito; a falha.
Inesperado	O que irrompe e surpreende a expectativa da comunidade jornalística.
Conflito ou controvérsia	Violência física ou simbólica.
Infração	Transgressão, violação de regras – crime, escândalo.

Fonte: Traquina (2005)

É com base na tabela acima que será elaborada a análise a seguir.

Gazeta de Alegrete e contexto histórico

A *Gazeta de Alegrete* foi fundada em 30 de outubro de 1882, por Luís de Freitas Valle, o Barão de Ibirocay, e foi comprada, em 1891, por José Celestino Prunes, cuja família administrou a publicação por 54 anos. A *Gazeta de Alegrete* é o jornal mais antigo ainda em circulação no Rio Grande do Sul.

O jornal se sustentava financeiramente, no início do século XX, com anúncios, mas não há evidências claras se isso cobria todos os gastos. A família Prunes também possuía uma gráfica em Alegrete, que pode ser uma das fontes de financiamento do jornal. Na gráfica eles imprimiam livros, panfletos e materiais do tipo. A *Gazeta de Alegrete* também era constituída como empresa jornalística, com documentos. Os Prunes não tinham empregados para o Jornalismo e quem fazia as matérias era sempre a família. Trabalha-se com a hipótese de que eles dedicavam o tempo ao jornal como um trabalho voluntário, fazendo em nome do Jornalismo. Contudo, esta parte ainda está em investigação (DORNELLES, 2016)¹⁰. Pagavam funcionários só na gráfica, não na *Gazeta*.

A população de Alegrete, no início do século XX, era de aproximadamente 10.000 habitantes, sendo que 70% estavam na área rural. A *Gazeta* atingia a elite intelectual da cidade, com uma tiragem de cerca de 400 exemplares. A elite cultural era composta por fazendeiros mais jovens, com curso superior, que haviam ido estudar em São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro e Coimbra, que voltavam com pensamentos oriundos da Revolução Francesa. A *Gazeta* era abolicionista porque os Prunes queriam desenvolver o país, sendo que sua maior luta foi em defesa da República.

Segundo Dornelles (2016), a relação da *Gazeta de Alegrete* com o campo político da época era muito grande, pois os Prunes eram idealistas. Não almejavam cargos políticos, mas defendiam a ideia de revolução, de o Brasil tornar-se uma República. Todos tinham função política, eram os líderes republicanos dos municípios onde estiveram, inclusive em Alegrete. Eles iam para o município para implantar as ideias do Partido Republicano, e utilizavam os jornais para isso. Porém, Dornelles (2016) salienta que, mesmo assim, a *Gazeta de Alegrete* não pode ser classificada apenas como um veículo político-partidário, uma vez que não havia só a questão ideológica, mas um teor noticioso. Na *Gazeta*, especialmente, os Prunes criticam e cobram, o tempo inteiro, pela população, sobretudo no que diz respeito à saúde, à educação e a questões trabalhistas, principalmente nos 20 primeiros anos do século XX. Havia a questão republicana, mas não repetiam apenas a ideia de quem estava no poder – também cobravam e eram críticos (DORNELLES, 2016).

¹⁰ Este subcapítulo do artigo foi embasado em uma entrevista com a Prof. Dra. Beatriz Dornelles, orientadora da autora, pois ela conduz uma pesquisa inédita envolvendo a *Gazeta de Alegrete*. Os resultados da pesquisa ainda não foram publicados, mas têm data prevista para 2017.

Vários jornais tentaram fazer frente à *Gazeta*, mas não vingaram por questões pecuniárias – falta de recursos e de patrocínio –, uma vez que a elite cultural e intelectual estava junto aos republicanos. A oposição era composta de comunistas, federalistas e anarquistas (DORNELLES, 2016).

Sobre a cidade de Alegrete, os registros da época estudada no presente artigo são encontrados em uma obra assinada por Luís Araújo Filho, cuja data original de publicação é 1908, pela livraria dos Irmãos Prunes, e foi reeditada em 1985. O escritor também foi colaborador da *Gazeta de Alegrete* e publicou contos que inspiraram a obra de Simões Lopes Neto, originalmente, no jornal. Segundo Araújo Filho (1985), a principal atividade da cidade era a pecuária, com um extenso rebanho de gado composto por mais de 200.000 cabeças. A cidade contava com 32 fazendas no ano original de publicação da obra. O comércio de Alegrete também era profícuo e as cidades com as quais mais mantinha relações comerciais eram Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Uruguaiana e Quaraí.

Em 1904, os irmãos Fredolino e Lourenço Prunes Sobrinho fundaram, em Alegrete, a livraria *O Coqueiro*, na qual imprimiam livros junto à gráfica da família, a qual equiparam com máquinas modernas, como a Marinoni, uma das primeiras do tipo a chegar ao Rio Grande do Sul (ARAÚJO FILHO, 1985), o que permitiu também melhorar a impressão da *Gazeta*.

Análise

Para o presente artigo, optamos por pesquisar os valores-notícia em uma edição por mês nos meses de janeiro (edição número 28), março (ed. n. 45), maio (ed. n. 60), julho (ed. n. 77), setembro (ed. 95) e novembro (ed. 16) de 1905 e de fevereiro (ed. 34), abril (ed. 52), junho (ed. 70), agosto (ed. 83), outubro (ed. 6) e dezembro (ed. 20) de 1908, dois anos cujas edições estão completas. Pesquisamos os valores-notícia contidos em notas informativas, presentes, geralmente, na primeira e na segunda página do jornal.

Por conseguinte, elaboramos a tabela abaixo, com os valores-notícia encontrados e sua frequência. Após, tecemos alguns comentários, especificando os assuntos abordados.

Tabela 2 – valores-notícia da Gazeta de Alegrete em 1905 e 1908

Valor-notícia	Frequência (número de vezes)
Notoriedade	17
Infração	6
Conflito ou controvérsia	5
Proximidade	18
Novidade	13
Relevância	6
Morte	9
Tempo (efeméride)	2
Inesperado	4
Notabilidade	2

Fonte: a autora

Como observações gerais em relação aos valores-notícia observados nas edições supracitadas da *Gazeta de Alegrete*, notamos uma predominância dos valores-notícia de proximidade (com 18 ocorrências), notoriedade (com 17 ocorrências) e novidade (com 13 ocorrências). O último é visível nas notícias com potencial de voltarem a se tornar notícia posteriormente. Como visto no referencial teórico, os valores-notícia não operam isolados, mas, frequentemente, em conjunto. Encontramos, muitas vezes, o valor-notícia de proximidade operando em conjunto com os demais – notoriedade, notabilidade, morte etc. –, o que ocorre com os demais na mesma medida – notoriedade em conjunto à morte, conflito ou controvérsia etc.

Outras questões que observamos foram o fato de o jornal noticiar muitas informações sobre o Partido Republicano e sobre a fundação de jornais em outras cidades, o que pode ser caracterizado pelos valores-notícia de relevância e proximidade (cultural). Noticia-se muitos fatos inóspitos, mesmo que de outros países, e muitas questões relacionadas a pessoas importantes (notoriedade), que visitam Alegrete ou que viajam de Alegrete a outras cidades, para resolver questões relativas à cidade da Campanha. As notas, mesmo que curtas – contendo um ou dois parágrafos, em sua maioria –, trazem, não raro, uma frase opinativa ao final. O valor-notícia de notoriedade opera com ênfase em notícias sobre a política do país.

O que se percebe é o teor opinativo de algumas notas ou textos que aparecem na seção, carregados de recomendação ou de censura a muitas atividades e pessoas em Alegrete, ou mesmo em outros países. Entretanto, as notícias não giram apenas em torno da política, mas se “abraça causas” em Alegrete. Na edição 16, de novembro de 1905, o jornal denuncia um proprietário de casas fúnebres que pratica preços abusivos, onerando a população, após diversas queixas terem chegado à redação.

A edição 77, de julho de 1905, era uma edição especial que destacava a inauguração da Ponte Júlio de Castilhos, em Alegrete, com uma edição ilustrada com o rosto do político. Em fevereiro de 1908, noticiou-se a morte do rei D. Carlos Bragança e de seu primogênito, em Portugal, com informações que chegaram via telegrama à *Gazeta*. Os valores-notícia presentes são morte, relevância, notoriedade e inesperado (devido às circunstâncias do acontecimento). A nota não emite opinião e foi publicada, parcialmente, na primeira página, e o restante na segunda – a segunda parte contém uma reprodução do que foi publicado pelo *Correio do Povo*, em Porto Alegre, assinado por um correspondente.

Em abril e outubro de 1908, os Prunes noticiaram um suicídio (tema que, em 2017, é tabu no jornalismo e que raramente vira notícia). Há muitas notícias militares, concernentes a operações ou pessoas que visitam a cidade. Em algumas edições, curiosidades internacionais também são noticiadas, como um tufão na China, que acabou em mortes, bem como informações sobre alteração para ter cidadania italiana, o homem mais velho do mundo etc. A edição de agosto de 1908 tem registro de notabilidade, com uma notícia, recebida de um jornal de Paris, que fala sobre uma moça que foi “ressuscitada”.

A presença de um repórter é visível em uma matéria detalhada sobre um crime bárbaro em Alegrete, que foi cometido por um homem contra sua cunhada. O texto é detalhado e reproduz diálogos ocorridos na corte, o que remete à importância do repórter, que foi crescendo na primeira década do século XX, conforme visto nas referências bibliográficas.

Considerações finais

De acordo com o que foi explicitado, consideramos que o estudo dos valores-notícia na imprensa interiorana do Rio Grande do Sul contribui para elucidar aspectos históricos da prática jornalística, em jornais afastados da capital do estado. Por meio da análise de conteúdo, verificamos que o valor-notícia de proximidade já era valorizado, sobretudo no que

concernem às informações da cidade de Alegrete e arredores (que também constituíam o público-alvo do jornal). O valor-notícia da notoriedade, sobretudo no que concerne a figuras militares, políticas e de prestígio na sociedade alegretense, também ganhava destaque. Em relação ao teor das notícias, não apenas o local era valorizado – como também informações de proeminência nacional e internacional, que chegavam à redação, por meio do telegrama.

Também notamos que o trabalho de repórter já era valorizado, mesmo em uma cidade interiorana, em que as condições de trabalho eram – e, em grande parte, continuam a ser – mais precárias em relação à capital. No caso da Gazeta de Alegrete, a redação e a tipografia eram administradas pelas mesmas pessoas – família Prunes. Portanto, este trabalho, que vamos conduzir de maneira mais abrangente e sistemática, pode iluminar ainda mais as práticas jornalísticas interioranas, ao longo do século XX.

Referências

ALVES, Francisco das Neves. **O partidarismo por opção discursiva: o Echo do Sul e seu discurso político-partidário**. Rio Grande: Furg, 2001a.

_____. **O primado da notícia como estratégia discursiva: uma história do Diário do Rio Grande**. Rio Grande: Furg, 2001b.

ARAÚJO FILHO, Luiz. **O município de Alegrete**. Porto Alegre: Corag, [1908] 1985.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Ática, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp; Com-Arte, 1992.

_____. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

BOND, Fraser. **Introdução ao jornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

DORNELLES, Beatriz. **Entrevista sobre a história da Gazeta de Alegrete** [21 nov. 2016]. Entrevistadora: Cândida Schaedler. Porto Alegre: PUCRS.

_____. **Jornalismo “comunitário” em cidades do interior**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2004.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

RIBEIRO, Lavina Madeira. Imprensa e esfera pública: o processo de institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964). **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, n. 41, p. 97-114, jan./jun. 2004.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, jan./jun. 2005, p. 95-107. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Intercom; Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, Portugal, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. v. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. Martins Fontes: São Paulo, 2003.